

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

HOURS AND HOURS — OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD

7 de Dezembro de 2023

Nº 5 CHECKED OUT / 1956

*um telefilme de Ida Lupino
para a série **Screen Directors Playhouse***

Realização: Ida Lupino Argumento: Willard Wiener a partir de uma história de Ida Lupino Fotografia (16 mm): Paul Ivano, Lester White Som: Jack A. Goodrich, Joel Moss Montagem: Bruce Schoengarth Direcção artística: McClure Capps Cenários: Rudy Butler Caracterização: Carmen Dirigo, Jack P. Pierce Efeitos fotográficos: Jack R. Glass Assistente de realização: Arthur Lueker Interpretação: Teresa Wright (Mary), Peter Lorre (Willy), William Talman (Barney), Ralph Moody (Jarvis).

Produção: Hal Roach Studios em associação com Screen Directors Guild (EUA, 1956) Produção executiva: Sidney S. Van Keuren Primeira emissão televisiva: 18 de Janeiro de 1956 Cópia: DCP (ficheiro digital), preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português, 25 minutos Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.

THE MASKS / 1965

*um telefilme de Ida Lupino
para a série **The Twilight Zone***

Realização: Ida Lupino Argumento: Rod Sterling Fotografia (35 mm): George T. Clemens Música: Som: Franklin Milton, Philip N. Mitchell Montagem: Richard Hermance Direcção artística: George W. Davis, Walter Holscher Cenários: Henry Grace, Robert R. Benton Interpretação: Robert Keith (John Foster), Milton Selzer (Wilfred Harper), Virginia Gregg (Emily Harper), Brooke Hayward (Paula Harper), Willis Bouchey (Dr. Samuel Thorne), Alan Sues (Wilfred Harper Jr.).

Produção: Cayuga Productions em associação com The CBS Television Network / filmado nos estúdios da MGM (EUA, 1963/64) Direcção de produção: Ralph W. Nelson Cópia: DCP (ficheiro digital), preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português, 26 minutos Primeira emissão televisiva (Twilight Zone, episódio 26 temporada 5): 20 de Março de 1964, na CBS Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.

THE SIXTEEN-MILLIMETER SHRINE / 1959

*um telefilme de Mitchell Leisen
para a série **The Twilight Zone***

Realização: Mitchell Leisen Argumento: Rod Sterling Fotografia (16 mm): George T. Clemens Som: Franklin Milton, Jean Valentino Montagem: Bill Mosher Música, Direcção musical: Franz Waxman Direcção artística: George W. Davis, William Ferrari Cenários: Henry Grace, Rudy Butler Interpretação: Ida Lupino (Barbara Jean Tenton), Martin Balsam, (Danny Weiss), Jerome Cowan (Jerry Hearndan), John Clarke (jovem Jerry Hearndan), Ted de Corsia (Marty Sall), Alice Frost (Sally), Rod Serling (narrador/voz).

Produção: Cayuga Productions em associação com The CBS Television Network / filmado nos estúdios da MGM (EUA, 1959) Produção: Buck Houghton Produção executiva para a Cayuga: Rod Sterling Cópia: DCP (ficheiro digital), preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português, 25 minutos Primeira emissão televisiva (Twilight Zone, episódio 4 temporada 1): 23 de Outubro de 1959, na CBS Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.

SYBILLA / 1960

*um telefilme de Ida Lupino
para a série **Alfred Hitchcock Presents***

Realização: Ida Lupino Argumento: Charlotte Armstrong a partir de uma história de Margaret Manners Fotografia (35 mm): John F. Warren Música (supervisão): Joseph E. Romero Som: Frank H. Wilkinson

Montagem: Edward W. Williams, David J. O'Connell (*supervisão*) *Direcção artística:* Martin Obzina *Cenários:* *Efeitos fotográficos:* Glass *Interpretação:* Barbara Bel Geddes, Alexander Scourby, Bartlett Robinson, Madge Kennedy, Gordon Wynn.

Produção: Alfred Hitchcock Production (EUA, 1956) *Produção:* Joan Harrison *Produtor associado:* Norman Lloyd
Cópia: DCP (ficheiro digital), preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português, 25 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA_____ Os quatro títulos são projectados em DCP não obstante a proveniência díspar e a disparidade da qualidade de raiz dos formatos que estiveram na base desta transcrição digital (originalmente são obras rodadas em película 35 ou 16 mm de que não existem materiais preservados e disponíveis). Os primeiro e último título apresentam a qualidade mais deficiente, sendo visíveis as linhas do vídeo de materiais de gerações intermédias e, em alguns planos com movimento de câmara, um efeito de arrasto na imagem. Fica o reparo.

Em Portugal, dadas as múltiplas transmissões televisivas ao longo de décadas, a “Alfred Hitchcock Presents” (*Sybilla*) e a “The Twilight Zone” (*Masks, The Sixteen-Millimeter Shrine*) são, ou foram, séries de televisão mais reverberantes do que a “Screen Directors Playhouse” (*Nº 5 Checked Out*). Nesta sessão convivem as três, com o suplemento de os quatro títulos das três séries serem apresentados em cópias que mantêm, no todo ou em parte, os elementos especificamente televisivos dos pré e pós-genéricos e a marcação de pausa na transmissão. São “pontas”, “separadores”, genéricos de programa originais e significativos em si mesmos, para lá do propósito descritivo-creditativo que os liga, cada um, à sua série: um $E=mc^2$; a *silhueta* desenhada de Hitchcock quando velho, o homem do suspense que brincava com as possibilidades do susto, a sua voz inconfundível, a assinatura; outras vozes vindas de supostas dimensões desconhecidas a anunciar o princípio de histórias de bizzaria fantástica ou realidade alternativa. (MJM)

E agora o cinema televisivo de Ida Lupino, “a ilustre realizadora de *The Hitch-Hiker* e *The Bigamist*”. Assim a apresenta a primeira voz *off* dos quatro telefilmes que sinalizam o seu trabalho de décadas na televisão americana quando, na passagem dos anos 1950 para os 60 e depois os 70, as emissões televisivas acolhiam as grandes lições de Hollywood, explorando a tradição narrativa clássica na versão *digest* do pequeno formato. No início da sessão, é ela, a realizadora de cinema, quem vemos no centro de um estúdio de filmagens, sentada na cadeira de lona iluminada por um potente projector e estampada com o seu nome: Ida Lupino volta-se para a câmara no prólogo de enquadramento idêntico, gestos idênticos, protagonistas variáveis, de todos os filmes da série televisiva a que pertence *Nº 5 Checked Out*. Produzido pelos Estúdios Hal Roach com a Screen Directors Guild, o catálogo da “Screen Directors Playhouse” também conta com a assinatura de John Ford, John Wayne, Leo McCarey, William Saroyan, Frank Borzage, Bob Hope, George Marshall, Buster Keaton, Peter Lorre, William Dieterle, Fred McMurray, Ray Millard, Rod Steiger, Linda Darnell, Sal Mineo, Dennis Hopper, Walter Brennan, Peter Lawford, Errol Flynn, Cloris Leachman, Jeannette MacDonald, Basil Rathbone, George Sanders, Angela Lansbury... o rol que tem vindo a ser desfiado a propósito destas “horas e horas” (expressão de Bill Krohn acerca da realidade televisiva americana dos anos 1950 em diante) impressiona e é suficiente para dar uma ideia da abrangência das personalidades em circulação entre os grandes estúdios de cinema e as novas experiências televisivas, razão pela qual se insiste na repetição.

Há pouco mais de um par de anos a Cinemateca apresentou uma retrospectiva da obra, no cinema, de Ida Lupino, repondo a factualidade histórica da importância do seu trabalho na Hollywood clássica, tantas e tantas décadas invisibilizada pelo cânone que a negligenciou não obstante ter estado à altura da, mais fértil, mais divulgada, espantosa, filmografia de atriz da atriz-produtora-realizadora. Lupino foi apenas a

segunda mulher a ser reconhecida como cineasta pelo Directors' Guild of America, após Dorothy Arzner – é sempre útil lembrar, pela raridade no mundo radicalmente masculino de Hollywood, em que, no seu caso, singrou como atriz a partir dos anos 1930 prosseguindo um caminho assertivo até finais da década de 1970. Na altura da retrospectiva, apresentando “*Ida Lupino – uma mulher em terreno perigoso*” – *on dangerous ground* como no Nicholas Ray com a atriz no papel da mulher cega em território ameaçado (*Cega Paixão*, 1952) –, sublinhou-se como foi uma cineasta de mestria, hábil na manipulação-inovação de géneros tradicionais, e corajosa na aproximação aberta a temas tão “interditos” nos estúdios como o adultério, a violação, o aborto, a bigamia, uma perspectiva no feminino. Noutra latitude, sabemo-lo hoje com conhecimento de causa, a atriz japonesa Kinuyo Tanaka havia de percorrer um caminho equiparável quando, justamente na sequência de uma viagem a Hollywood, decidiu acumular o muito expressivo trabalho de atriz sob a direcção dos mais relevantes cineastas dos estúdios no seu país com o de cineasta. Ao contrário de Lupino, não se aventurou na televisão, mas como no caso de Lupino (cinco, seis longas-metragens entre 1949-1953), Tanaka construiu um sólido núcleo filmográfico como realizadora no pós-guerra (seis longas-metragens, entre 1953-1962) sobrelevando uma assertiva perspectiva feminina.

Na dupla posição, em Hollywood, de atriz respeitada no sistema dos estúdios e de mulher realizadora a operar nos seus próprios termos a partir da sua estrutura de produção “independente” (a Emerald Productions em 1949; a The Filmmakers em 1950-1953), isto é, a partir da margem, no período limitado de tempo em que foi circunstancialmente possível, Ida Lupino desbravou caminho. *Not Wanted*, o título zero da sua filmografia na realização (1949, não creditada – ver a “folha” do filme igualmente programado neste ciclo), acaba por conter a ironia da história não desejada, talvez, por terceiros, mas cumprida pela protagonista. Vieram depois – e os títulos continuam a ser óptimos – *Never Fear, Outrage, Hard, Fast and Beautiful, The Hitch-Hicker, The Bigamist*. E depois a televisão. O percurso de Ida Lupino é escarpado num estudo deste século XXI como o de Therese Grisham e Julie Grossman (*Ida Lupino, Director. Her Art and Resilience in Times of Transition*, Rutgers University Press, 2017), que dedicam uma das três partes do livro à fase televisiva, contextualizando a época de transição experimentada pela indústria do cinema de Hollywood e pela indústria televisiva.

Lupino moves to television analisa o fenómeno em termos macro, situando-o em 1949-1950, e notando como, em 1956, precisamente quando Lupino se lançava na vertente televisiva do seu percurso, na escrita, produção e realização, o impacto da televisão nos hábitos americanos se disseminava, no movimento concomitante da cultura de massas emergente no pós-guerra. Relutante de início, Lupino é sensível a argumentos esgrimidos por camaradas actores que, como ela, se haviam mostrado arredios ao controlo dos estúdios, como Nick Powell, David Niven, Charles Boyer; ou aos do director de fotografia George Diskant que a desafiou a experimentar a liberdade permitida no novo meio. Seriam bons argumentos. Como atriz, começou a trabalhar na “Four Star Playhouse” no final de 1953... “and loved every minute of it”. O ano de *The Bigamist*, a última longa-metragem que realizou para cinema, foi assim, em simultâneo, o do arranque na televisão onde encontraria um modo de vida activa e um *modus operandi* criativo improvavelmente compatível com os constrangimentos de formato, procedimentos e estilo. A partir de 1956 e até 1968, realizou uns 69 telefilmes ou episódios produzidos no contexto de séries várias.

Grisham e Grossman: “Lupino sempre associara pragmatismo e arte [no cinema colheira, desde o início os ensinamentos preciosos das filmagens de realizadores tão importantes na sua vida de atriz como William A. Wellman e Raoul Walsh], e a televisão provou ser um meio que lhe assentava bem. Ela, como [Andrew V.] McLaglen, apreciou os desafios específicos da televisão, que implicavam que os realizadores comessem a trabalhar num projecto após a escrita e finalização do argumento. O realizador dirigia a equipa durante a rodagem ou gravação da emissão e era responsável pela escolha dos diferentes ângulos de câmara e pela composição dos planos que eram utilizados. Alguns argumentos tinham instruções de

filmagem, como a da necessidade de um grande-plano. Mas fora isso o realizador tinha liberdade criativa.” Associada a uma capacidade especial para o trabalho em equipa e para dirigir actores, “a experiência e a sensibilidade de Lupino funcionaram bem com este tipo de ambiente de trabalho, mais colegial do que aquele que hoje se encontra em estruturas equiparáveis. As ligações em Hollywood foram outra vantagem de que dispôs negociando no mundo da televisão. Além disso, a sua versatilidade, agudeza visual e agilidade de trabalho em múltiplos géneros permitiram a Lupino, fosse como argumentista, produtora ou realizadora, imprimir a sua marca como autora feminista e inculcar as suas perspectivas de género nos episódios televisivos que levavam a sua assinatura”.

Escrito e realizado por Lupino o seu número 1 na televisão, *Nº 5 Checked Out*, é exemplar no que transporta da experiência hollywoodiana da realizadora e na eficácia da adaptação aos requisitos do novo meio. Logo impressiona o extraordinário elenco, em que resplandecem Teresa Wright, no papel da mulher surda disponível para uma história de amor com a personagem-bandida de William Talman (que interpretara o assassino de *The Hitch-Hiker*), e Peter Lorre, o verdadeiro mau da fita. Impressiona a eficácia narrativa e a construção dramática à volta da surdez da protagonista feminina, o som e o silêncio como elementos de drama, no rasto mais do que provável da sua personagem cega no filme de Ray, *On Dangerous Ground*, mas também no de uma bela linhagem de cinema *noir* ou brutalidade western. Os planos finais da morte dupla na encosta e da mão estendida por terra invocam o romantismo desesperado de *Colorado Territory*, remake de *High Sierra* (Walsh, 1941 e 1949), ou *Duel in the Sun* (a produção de Selznick assinada por Vidor em 1946).

Circunstâncias adversas não permitem neste momento a observação justa dos quatro títulos em causa. Digamos então, apenas, que *The Masks* traz a “twilight zone” e uma moral da história de fábula, contada com a precisão, a secura e a ironia cortante que assustam quase tanto como a placidez ameaçadora que paira em *Sybilla*, realizado para a “Alfred Hitchcock presents” seguindo a perturbadora perspectiva do protagonista masculino. Já *The Sixteen-Millimeter Shrine*, entre os dois no alinhamento da sessão, é assustador ao enveredar por uma história de Hollywood tão íntima como brutal, um pequeno tratado no qual Ida Lupino, dirigida por Mitchell Leisen, interpreta um papel afim ao de Gloria Swanson em *Sunset Boulevard* de Wilder (1950). Uma estrela cadente de cinema, renitente em aceitar a passagem dos tempos, enfia-se numa sala de cinema doméstica e é engolida pela quinta dimensão de uma projecção de cinema. Como se fosse a face negra da aventura de Buster Keaton num filme de outra era.

Maria João Madeira